

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 23– Agosto, 2015

“MANUAL DO BEM”

Ierecê Barbosa¹

Tenho presenciado algumas cenas e discursos de pessoas que se dizem portadora do bem, da justiça, da verdade, da retidão e da moral elevada. Geralmente, são pessoas que se consideram acima de tudo e de todos. Basta prestar um pouco mais atenção para percebermos que são portadoras de linguagem irônica e que de suas bocas saem palavras ácidas, envenenadoras, capazes de arrasar qualquer alta estima, até mesmo aquela portadora de ego inflado.

Pessoas extremamente orgulhosas se gabam a toda hora de seguir a moral convencional, sempre acusando os outros de inferiores, pelo simples fato de não seguirem o mesmo manual. Ora, não existe ninguém inferior e nem superior. Cada um ocupa o seu lugar no processo evolutivo.

As pessoas orgulhosas adoram querer controlar a vida dos outros e, se possível, moldá-las ao seu padrão binário, na base do que julga certo e errado. Tal controle gera nessas pessoas um poder simbólico e que acaba ganhando concretude, preenchendo suas inseguranças frente à vida.

Um detalhe sutil, mas perceptível, é o verniz social utilizado pelas pessoas orgulhosas. São gentis, aparentemente prestativas, gente fina (como dizemos), mas basta um pouquinho mais de convivência para percebermos, quando o verniz derrete, que estamos diante de pessoas policialescas, controladoras, que criticam as vidas alheias para enaltecerem as suas. Pessoas assim estão sempre representando. Quanto mais moralista, mais forte é a capa que esconde o verdadeiro ser, que, na maioria das vezes, é repleto de imperfeições e tem o costume de projetar nos outros o que nega em si.

O que menos queremos na vida é controle. Todas as vezes que o controle é implantado, na vida ou no trabalho, a mente humana acaba arrumando um jeito de driblá-lo. É a chamada Lei de Reversibilidade dos Efeitos. Você proibiu? Tentou controlar? Pode ter certeza que os efeitos serão contrários ao que você esperava obter. No contexto familiar e no trabalho isso fica bem evidente. No primeiro, os filhos fingem obediência em relação à proibição, pois aprenderam a dissimular. No segundo, é uma das piores estratégias de gestão, pois o profissional fareja o desrespeito longe e dá o troco de modo sutil, sabotando a instituição na hora que ela mais precisa dele. Pais, gestores e maridos controladores geralmente são traídos. A compulsão em controlar é proveniente do orgulho de ser o melhor e do prazer em manipular os outros.

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 23– Agosto, 2015

Uma conduta proativa passa longe da proibição e do controle, ela é colaborativa, estimula a independência, a autonomia e estabelece diálogos em que a parceria é colocada como carro-chefe do relacionamento, tanto familiar quanto laboral. Em um contexto assim, as pessoas vestem a camisa e agem de modo compromissado, buscam os melhores resultados por acreditarem nele e pelo fato deste crédito ser repassado também a elas.

Se a pessoa se sente controlada, vigiada e repleta de proibições sua mente trabalha incansavelmente para romper com todo o cerceamento. Ela vai derrubando uma por umas as cercas que a impedem de ser e agir conforme a sua consciência. E não adianta culpá-la por tal comportamento, pois se trata de um mecanismo de defesa instintual. Queiramos ou não, nossas almas contêm o potencial libertário das leis naturais.